

A EDUCAÇÃO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Flávia Cristina de Paula¹, Suellen Regina Pereira², Sabrina Gonçalves de Almeida Mendes³, Anézio Cláudio Bernardes⁴

¹Instituto Superior de Educação-Ise, Universidade do Vale do Paraíba-Univap. Rua Tertuliano Delphin Filho, 181, Campus Aquarius, Cep: 12246 - 140, São José dos Campos/SP, flaviacpaula2004@ig.com.br, suellenrptavares@yahoo.com.br, bina_Mendes@hotmail.com, acb@univap.br

Resumo - Este trabalho teve como meta verificar a situação educacional - enquanto interações sociais privilegiadas - de crianças internadas, por longos períodos, em ambientes hospitalares; verificar, também, se um projeto pedagógico direcionado a essas crianças é fundamental, em relação ao seu processo de ensino e aprendizagem, quando de seu retorno ao contexto escolar; e, ainda, verificar se as atividades vivenciadas em ambientes hospitalares, por meio de projetos pedagógicos, contribuem para amenizar psicologicamente o período em que elas não estão interagindo com os seus colegas e familiares. Foram observadas, durante o período de um ano, crianças internadas em cinco dos hospitais da cidade de São José dos Campos. Os dados apontaram que crianças em ambientes hospitalares que mantêm projetos pedagógicos participam prazerosamente das atividades que lhes são propostas e que se reintegram com facilidade ao seu contexto escolar, após recuperarem a sua saúde. Em contrapartida, as que permanecem em hospitais sem esses projetos pedagógicos apresentam-se desmotivadas e ao retornarem às suas escolas sentem dificuldades fundamentais ao tentarem acompanhar o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: crianças, ambientes hospitalares, internação, projetos, ensino e aprendizagem.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

O objetivo deste trabalho constituiu-se em verificar a situação pedagógica - enquanto interações sociais diferenciadas - de crianças, em idade escolar, internadas em ambientes hospitalares por longo período, a fim de observar se esse tempo de internação acarreta problemas à sua aprendizagem escolar; verificar, também, se existem projetos pedagógicos desenvolvidos em ambientes hospitalares e se a inexistência de tais projetos dificultam o processo de aprendizagem dessas crianças ao retornarem às suas escolas, após recuperarem a sua saúde.

Houve uma pesquisa bibliográfica e um trabalho de campo, o qual foi realizado, durante um ano, em cinco dos hospitais do município de São José dos Campos. Nesse período, foram entrevistados profissionais, voluntários e crianças internadas que participavam de projetos pedagógicos existentes em três dessas instituições, bem como as que estavam internadas em ambientes hospitalares em que inexistiam quaisquer atividades direcionadas à aprendizagem dessas crianças.

Para a realização desta pesquisa, pautou-se nos pressupostos teóricos de Vigotsky, Wallon e Woolfolk, dentre outros autores.

Materiais e Métodos

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram pesquisados, durante um ano, cinco hospitais pertencentes à cidade de São José dos Campos. Desses hospitais, apenas três desenvolviam projetos pedagógicos direcionados às crianças que ficavam internadas por longo período nesses ambientes.

Durante esta pesquisa, foram observadas e entrevistadas as crianças que se ficaram internadas por um longo período, tanto as que estavam em hospitais que desenvolviam projetos pedagógicos composto por atividades lúdico-prazerosas como as que permaneceram em ambientes hospitalares em que inexistiam tais projetos.

Foi, também, entrevistada, por intermédio de um questionário que requeria respostas argumentativas - e por meio de diálogos realizados constantemente - uma fisioterapeuta que atuava tanto nos hospitais que desenvolviam projetos

pedagógicos como nos que não havia esses projetos.

Foram, também, ainda, entrevistadas as pessoas que, voluntariamente, participavam, sistematicamente, dos projetos desenvolvidos por três dos cinco hospitais observados.

Para a construção do referencial teórico, para a realização desta pesquisa, partimos dos pressupostos de Vygotsky, Wallon, Nolte e Harris, dentre outros autores.

Discussão e Resultados

Segundo Wallon (apud FONTES, 2007), a emoção constitui-se a base da inteligência, o seu primeiro suporte e o seu vínculo social. O aspecto da emoção deve-se ao fato da investigação que a criança faz no seu cotidiano, no meio em que se encontra inserida.

Por estarem internadas em um ambiente hospitalar, às crianças em idade escolar deveria ser proporcionado espaço lúdico-prazeroso de ensino e aprendizagem, para que elas sentissem que o seu processo educacional não se interromperia, pois, dessa forma, ao serem reinseridas no contexto escolar, seriam capazes de desenvolver, normalmente, em interação com os seus colegas de turma, as atividades que lhes fossem propostas pelos professores.

Esse procedimento, em ambientes hospitalares em que crianças permanecem internadas por longo período, evitaria que elas se desmotivassem ao retornarem à sua escola, e, conseqüentemente, evitaria, também, que evadissem ou tivessem de repetir o ano letivo escolar.

Para Vigotsky (apud WOOLFOLK, 2000), o desenvolvimento cognitivo depende muito mais das interações com as pessoas do mundo da criança e das ferramentas que a cultura proporciona para promover o pensamento.

A criança é lúdica, fantasiosa e se lhe forem proporcionadas atividades desafiadoras, que ela possa desenvolver sozinha ou com a mediação de uma pessoa mais experiente, essa criança, mesmo estando em um local diferente do que o habitual, por intermédio dessas atividades, teria possibilidades de se motivar à construção de novos conhecimentos, e, assim sendo, a sua permanência em ambientes hospitalares poderia, também, constituir-se em momentos de aprendizagens significativas que fariam com que a criança sentisse que o seu período de internação não estava sendo tão longo.

Conforme Nolte e Harris (2003), um dos princípios orientadores para a interação com as crianças é que elas aprendem com o que vivenciam.

Sendo assim, a criança internada em ambiente hospitalar, mas que vivencia momentos prazerosos, por intermédio de atividades

desafiadoras, aprende com o que e com quem interage. Os seus pensamentos relacionados a essas atividades se prolongam e multiplicam-se, em sua imaginação, por todo o período em que se encontrar internada, e, talvez, a acompanhem pelo resto de sua vida, por terem acontecido em situações diferenciadas das experiências que fazem, normalmente, parte de seu cotidiano, de seu contexto social.

Em contrapartida, a criança que permanece internada, sem que lhe sejam propostas atividades lúdico-educacionais, ela sente-se abandonada, torna-se irritada, desmotivada, e incapacidade para retomar os seus estudos.

Ao retornar à sua escola, após o restabelecimento de sua saúde, poderá vivenciar situações desagradáveis em relação à sua aprendizagem, e essas experiências poderão refletir negativamente em relação à sua auto-estima.

Durante a realização do trabalho de campo, interagimos com crianças internadas em ambientes hospitalares em que inexistiam quaisquer projetos educacionais direcionados a elas. Nesses espaços, pudemos constatar que as crianças ali internadas se apresentavam desanimadas, desmotivadas e, também, receosas em relação ao retorno às aulas, quando saíssem do hospital.

Em contrapartida, as que estavam inseridas em ambientes semelhantes, mas que possuíam projetos de ensino e aprendizagem com atividades desenvolvidas em brinquedotecas, ou em espaços para leituras e audições de histórias infantis - no caso - três das cinco instituições pesquisadas, as crianças, durante as interações, demonstravam que esqueciam que estavam sob cuidados médicos, que estavam em um hospital.

Nossas observações foram constatadas, também por relatos de uma terapeuta que transita por esses dois tipos de espaços hospitalares, conforme dados que coletamos, junto a essa profissional, por intermédio de suas respostas às questões que lhe propusemos, por meio de um questionário, e, também, durante constantes diálogos que realizamos com essa médica, durante esta pesquisa.

Essa terapeuta afirmou que crianças internadas em hospitais que desenvolvem projetos pedagógicos, ao retornarem à escola se reintegram ao processo de ensino e aprendizagem e continuam os seus estudos normalmente.

Em relação às que permanecem em ambientes hospitalares que não desenvolvem tais projetos, essa terapeuta nos disse que essas crianças encontram dificuldades fundamentais em seu retorno ao contexto escolar, e que não são raros os casos de crianças que se negam a retornar à escola.

É importante frisar que, nos três hospitais que possuem um projeto pedagógico, este é desenvolvido por uma equipe composta por profissionais e por voluntários que interagem, sistematicamente, com as crianças internadas.

A análise e interpretação dos dados coletados demonstraram a importância da realização de projetos direcionados às crianças que permanecem internadas em espaços hospitalares, por longo tempo, para que, ao término desse período, possam retomar as suas atividades cotidianas, e, também, para dar continuidade a seu processo de aprendizagem no contexto escolar, sem maiores dificuldades.

Conclusão

Para que as crianças internadas em ambientes hospitalares não se sintam abandonadas nesses contextos, e recuperem a sua saúde em um ambiente no qual possam sentir que continuam aprendendo, é necessário a existência de projetos que lhes possibilitem momentos privilegiados de ensino e aprendizagens, para que, ao retornarem à sua escola, dêem continuidade, normalmente, a seu processo educacional.

As crianças em idade escolar que permanecem, por um longo período, internadas em ambientes hospitalares que não possuam um projeto, que lhes proponha atividades lúdico-educativas para serem por elas, podem enfrentar significativas dificuldades ao retornarem às suas escolas, após terem restabelecida a sua saúde. Dificuldades que podem ocasionar a desmotivação dessas crianças, em relação ao processo de ensino e aprendizagem, ou, até mesmo, a sua evasão do contexto escolar, por se sentirem incapazes de acompanhar esse processo educacional.

Essas experiências – longos períodos de internação em ambientes hospitalares – são vivenciadas por muitas crianças, e, assim sendo, faz-se necessário e urgente que todas as instituições desse gênero viabilizem espaços para que sejam vivenciados projetos pedagógicos direcionados a essas crianças, pois, agindo dessa forma, poderiam contribuir, de modo significativo, para o sucesso educacional de muitas crianças que têm, atualmente, seu futuro modificado pela inexistência de tais projetos.

Posto isso, podemos afirmar que houve consecução dos objetivos desta pesquisa, uma vez que verificamos que um projeto pedagógico direcionado às crianças internadas, por um longo período, pode proporcionar a essas crianças, momentos fundamentais de aprendizagens significativas; e que, em contrapartida, a inexistência de um projeto dessa natureza pode lhes causar danos irreparáveis em relação a seu

processo de aprendizagem e, conseqüentemente, à sua vida.

Ou seja, as atividades lúdico-educativas, vivenciadas por intermédio de um projeto pedagógico, direcionado às crianças que se encontram internadas, são fundamentais, nesse contexto, durante e, também, após o período de internação para a educação e para o futuro dessas crianças.

Referências

- FONTES, Rejane de Souza. Tese de doutorado Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf> Acesso em: 19/05/2007 às 10h45.

- NOLTE, Doroty Law; HARRIS, Rachel. *As Crianças Aprendem o que Vivenciam*. 7ed. Rio de Janeiro/RJ: Sextante;2003.

- WOOLFOLK, Anita. E. *Psicologia da Educação*. 7 ed. Porto Alegre/RS: Cutmed, 2000.